



## TEORIAS PSICOLÓGICAS SOBRE SUBJETIVIDADE<sup>1</sup>

Tercio Inacio Jung<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Retirado do TCC do curso de Psicologia; TCC completo em:  
<https://dialogoscatarticos.blogspot.com/2024/07/tcc-do-curso-de-psicologia.html>

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Psicologia

### RESUMO

Neste escrito, buscaremos apontar alguns caminhos que foram pavimentados na temática do humano, ou melhor, do psiquismo, por autores contemporâneos, que persistiram na busca por respostas, prosseguindo no mapeamento da subjetividade. Dentre os vários autores e teorias psicológicas sobre a subjetividade, acabamos tendo que optar por alguns, como: Jung, Winnicott, Adler, Rogers e Freud.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Estrutura psíquica. Autoestima. Psicologia Individual. Psicologia Humanista.

### ABSTRACT

In this writing, we will seek to point out some paths that were "paved" in the theme of the human, or rather, the psyche, by contemporary authors, who persisted in the search for answers, continuing to map subjectivity. Among the various authors and psychological theories about subjectivity, we ended up having to opt for some, such as: Jung, Winnicott, Adler, Rogers and Freud.

**Keywords:** Subjectivity. Psychic structure. "Self esteem". Individual Psychology. Humanistic Psychology.

### INTRODUÇÃO

Nesse escrito serão apresentadas, algumas teorias psicológicas voltadas sobre a temática da subjetividade como objeto de estudo da Psicologia, apontando para caminhos que já foram pavimentados na temática do humano, ou melhor, do psiquismo. Autores contemporâneos que persistiram na busca por respostas e prosseguindo no mapeamento da subjetividade: Jung fala em *individualização*; Winnicott fala em desenvolvimento do *Self*; a Psicologia Individual, patrocinada por Adler, trata do *indivíduo*; Rogers e a Psicologia



Humanista se referem a essa questão como *autorrealização*; Freud, o pai da psicanálise, tratará da subjetividade a partir do *Narcisismo*.

A individuação de Jung: na medida em que nos vemos mais humanos, poderemos ver aqueles que nos rodeiam humanizados. a pessoa pode projetar uma persona ou imagem de confiança e equilíbrio que engana a todos e mesmo assim, ainda julgar-se por causa dos seus sentimentos de inadequação social; na estruturação do self, de Winnicott: primeiro esboço da autoconsciência, capacidade de perceber o simples fato de estar vivo, é preciso ir da dependência em direção à independência; nos estudos de Adler: só quem acredita em si mesmo encontrará a calma e a segurança interior que induzem a pensar não apenas em si mesmo, mas também nos outros. Assim, para aumentar o sentimento social, é preciso antes, aumentar a fé ou a estima em si mesmo; Rogers, em sua psicologia humanista, concebe a pessoa como um todo no qual os fatores físicos estão inter-relacionados com o emocional, o ideológico e o espiritual, formando o ser real, a Psicologia Humanista vê um ser completo – e não em partes - levando em conta cada aspecto e sua influência no todo. O ser humano é movido por uma tendência à auto-realização, ou seja, considera a pessoa como dotada de todas as potencialidades necessárias ao seu pleno desenvolvimento.

Os resultados apresentam que o psiquismo, assim como a subjetividade, são condições singulares e únicas, ou seja, cada pessoa precisa se estruturar ou organizar psiquicamente, como individuação, buscando a congruência interna (e externa), superando progressivamente, o sentimento de inferioridade que nos marca - num princípio de vida completamente dependentes de outros - interfere e influencia diretamente na estruturação da própria autoestima ao longo da nossa existência.

Conclui-se que, a subjetividade é uma estruturação ou organização pessoal, mesmo que construída intersubjetivamente. Portanto, uma estruturação psíquica e subjetiva - ou uma personalização integrada, humanista conforme Winnicott, ou de individuação segundo Jung, da conscientização do sujeito do inconsciente freudiano, da congruência do self, ou ainda, da construção da autoestima. Tudo isso, ou qualquer uma delas, requer muito investimento pessoal, permitindo ser, desenvolver-se mais e melhor, viver na realidade, dar direção e vazão ao que pensamos e sentimos, enfrentar as dificuldades hodiernas, conviver com os outros sem ser demasiadamente influenciado pelos outros, logo, implicando no desenvolvimento da autonomia emocional.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando-se de uma revisão de literatura para explorar a temática do psiquismo/subjetividade humana conforme delineada por autores contemporâneos. A opção por uma abordagem qualitativa justifica-se pela natureza exploratória/investigativa do estudo, que busca compreender e explicar





qual seja: uma diferenciação entre o que é o geral ou coletivo e a formação do que é ou será o subjetivo, o que coincide, em grande medida, com o desenvolvimento da consciência.

Isso fica mais claro quando se leva em conta o conceito de indivíduo, cuja definição nos é oferecida por Jung em seu escrito Tipos Psicológico (JUNG, 2013): O indivíduo caracteriza-se por possuir um psicológico singular e, em certo sentido, único. O *inconsciente coletivo* tem um caráter generalizante e indiferenciado, portanto, necessita de um processo de diferenciação, transformando em consciência, assim como, tornando-se subjetividade, ou ainda, diferenciando-se dessa forma em relação aos outros indivíduos.

Entretanto, em relação a essa temática, convém enfatizar ainda, um entendimento equivocado sobre a questão da individuação e da adaptação em relação ao mundo externo, segundo o qual, esse processo enfatizaria apenas, a adaptação do *Ego* ao seu mundo interno, negligenciando o mundo exterior. Pelo contrário, Jung afirmou: o indivíduo não é apenas uma entidade singular, mas a sua própria existência pressupõe a relação com uma coletividade, assim, o processo de *individuação* não leva ao isolamento, mas, a uma coesão coletiva ainda mais intensa e universal. E acrescenta: “A individuação não fecha as portas ao mundo, mas sim reúne-o para si” (Jung 2013).

Na opinião de Jung, um dos propósitos da análise, talvez o principal, seja ajudar no processo de *individuação*. Embora, muitos considerem que a individuação pode começar em qualquer idade, está claro que o surgimento de sua necessidade, geralmente, se impõe com mais frequência, durante a segunda metade da vida. Isto faz sentido, tendo em conta que, durante a primeira metade da vida, o indivíduo tende a estar mais focado em criar, geralmente, uma pessoa adequada socialmente, ou melhor, uma *persona*, uma máscara social que permite a adaptação e aceitação no mundo externo, bem como fortalece o próprio *ego*, o que será de extrema importância para resistir às pressões exigidas pela emergência de conteúdos inconscientes durante a *individuação*.

A *individuação* inclui mais do que o projeto alcançável na primeira metade da vida, ou seja, o desenvolvimento do *ego* e da *persona*. Conforme Jung, uma vez que isso foi alcançado, outra tarefa começa a se manifestar internamente, porque o desenvolvimento do *ego* idealizado e da *persona* social, deixou fora da estrutura subjetiva uma grande quantidade de material psicológico, como a *sombra*, geralmente ainda não foi integrada, a *anima* e o *animus* permanecem inconsciente, mesmo que esteja agindo em segundo plano, e o *eu/self* mal foi vislumbrado diretamente (JUNG, 2013b).

Aliás, a figura da *sombra* é importante para diferenciar a individuação de outros processos de auto-realização, propostos por diferentes abordagens teóricas, porque o objetivo disso não é dominar a própria psicologia pessoal, nem tornar-se perfeito e nem ser melhor que os outros, mas, simplesmente, familiarizar-se com a própria *psique* e tentar ser mais completo e integrado. Por isso a *individuação*, para Jung (2014), tem aquela fase interna e subjetiva de integração da *sombra*, da *anima* e do *animus*, o que implica uma percepção crescente de nossa





Quando a adaptação da mãe é adequada, o bebê desenvolve a ilusão de que a realidade corresponde à sua capacidade de criá-la. A *mãe suficientemente boa*, para Winnicott, seria aquela que se adapta às necessidades do filho, de forma adequada ao momento de maturação. No início da adaptação é tal que o bebê não percebe isso, só toma consciência do ambiente protetor quando sente suas falhas, pela ruptura da continuidade existencial que estas provocam. A adaptação ao ambiente inclui necessariamente, a possibilidade da *falha*. O bebê aprende a tolerar gradativamente a ausência, baseado na confiança do reaparecimento da mãe. Ela estabelece o processo de desilusão, sobre a ilusão que ajudou a criar anteriormente. A mãe não consegue fornecer constantemente tudo o que seu filho necessita, e então o bebê começa a registrar as ausências e frustrações, questionando sua experiência onipotente e passando a reconhecer o mundo exterior. Porém, a falha precoce e persistente da mãe, se ela lhe impõe a alteridade e não permite que o bebê a descubra, obriga o bebê a se adaptar ao ambiente e a se tornar mãe de si mesmo para sobreviver. A *mãe suficientemente boa* é uma mãe ideal, capaz de fazer com que o filho vivencie a frustração necessária ao desenvolvimento do seu desejo e da sua capacidade de individualização.

Na estruturação do *self* é preciso ir da dependência em direção à independência (WINNICOTT, 2005). A criança começa em estado de dependência absoluta. O bebê é dependente, mas ele não tem ideia de sua dependência e portanto, a onipotência reina e o narcisismo primário, também. Gradualmente a criança terá um período de dependência relativa, caracterizado pela separação entre ele e o meio ambiente: a mãe, onde a criança percebe que seus suprimentos para sobreviver vêm de outro e são exteriores a ele. Se tudo correr bem, a criança se desenvolverá em direção à independência. A independência absoluta não existe, já que o ser humano saudável, sempre precisa ser social ou sociável, não isolado, o que envolve sempre um certo grau de dependência: ser subjetividade na intersubjetividade.

A integração é um processo que depende de uma tendência psicológica herdada, e que deve ser apoiada ou complementada por uma atividade do ambiente materno, o qual Winnicott chama de *holding* (WINNICOTT, 2006). Quando o bebê nasce possui elementos motores e sensoriais rudimentares que lhe darão um padrão de existência, serão a matriz condutora de uma experiência de continuidade existencial, na qual assentará uma elaboração imaginativa de desempenho corporal. No começo um desenvolvimento a partir de um estado não integrado que não é traumático porque a mãe amparará. A proteção oferecida pela mãe impede que o eu precário do bebê se angustie em demasia, que esta tem diferentes formas de ser vivenciada, todas estão ligadas à ansiedade psicótica, ou seja, fragmentar-se, cair incessantemente, ou desligar-se do corpo. O aparecimento desta ansiedade em qualquer das formas citadas, provoca a ruptura da continuidade existencial. Se durar ao longo do tempo ou se repetir, pode causar diversas patologias. Winnicott (2006) diferencia a desintegração: processo sistema defensivo que gera patologias; da não integração: estado natural de qual parte é tomada para alcançar a integração graças ao suporte adequado materno; ao qual se pode retornar em determinados momentos



O *holding* da mãe tem a ver com sua capacidade de empatia às necessidades do bebê no momento da dependência absoluta, isto é, quando a separação psicológica entre o eu e o não eu ainda não ocorreu. Isto inclui o suporte físico e psíquico da criança, a satisfação das necessidades fisiológicas e a proteção contra estímulos desagradáveis. O termo *holding* talvez tenha mais sentido em relação ao sustento psicológico do que ao físico. A *holding* tem a ver com a transmissão do ser psicológico, e o *handling* favorece a experiência de ser unidade com o seu próprio corpo.

Isto nos leva ao conceito de *personalização*, de Winnicott, onde o cuidados regulares permitem o desenvolvimento da unidade psicossomática. A *personalização* é um momento de integração que se refere especificamente a integração psicossomática e ocorre concomitantemente com fase de diferenciação do “eu não-eu”, paralelamente ao estabelecimento da pele como fronteira entre dentro e fora, entre o bebê e a mãe. Assim vai se desenvolvendo o esquema corporal da criança e começa a fazer sentido a função da introjeção e da projeção.

Winnicott destaca que a vida não deriva exclusivamente do instinto e que existe um estado anterior de se sentir vivo, no qual ainda não há vitalidade e daí emana o “ser”. A mãe deixa emergir o ser do filho “sendo e não fazendo”. Mas, desde o começo há experiências ambíguas, causadas pela tensão gerada pelos instintos, uma mobilidade primária, uma vida que condiciona o orgânico. A energia primitiva é uma energia não diferenciada e no amor primitivo há um componente agressivo, não intencional. Gradualmente vão se diferenciando as pulsões e a libido começa a encontrar plena satisfação na experiência do mamar, ou melhor, em relação com um objeto subjetivo, criado pela criança.

Assim, o papel materno de sustentabilidade acompanha a integração do eu e permite a passagem da dependência à independência. A experiência ilusão-desilusão levará a constituição do *objeto transicional* (WINNICOTT, 1982). Nesta alternância de ilusão-desilusão, o bebê cria uma ponte imaginária que permite manter a integridade do “eu” e a continuidade existencial, enquanto ilusão do reencontro com a mãe. A evoca a partir dos traços da percepção, de uma forma quase alucinatória, que representa o início dos processos transitórios. Essas experiências são as precursoras da capacidade para o uso de símbolos e da abertura para os fenômenos culturais.

## **ADLER E A PSICOLOGIA INDIVIDUAL: SENTIMENTO DE INFERIORIDADE**

Para Adler (1870), ao nascer, já começa a se formar o que é o início de todo desenvolvimento psíquico: a distinção entre o eu e o mundo exterior.

Nesta fase de encontrar a si mesmo, que se fecha por volta do primeiro ano de idade, a criança não tem um desenvolvimento da condição física correspondente à psicológica e esta desproporção continua por muitos anos. No animal uma suposta “consciência do eu” coincide



com uma autonomia instintiva. No humano, essa independência do meio ambiente é realizada mais tarde e a criança vai se conceber como pequena e fraca e dependente dos outros, entretanto, a “reação” pode ser: tenho que me tornar grande, forte e independente. Para Adler, este fato é normal em todas as crianças - e certamente está presente mesmo quando não é externalizado - e é justamente essa não reação, que será a base do sentido da inferioridade subjetiva de Adler.

Os caminhos para superar esse *sentimento de inferioridade* são dois: um é o caminho normal do desenvolvimento individual (contar predominantemente consigo mesmo) que corresponde psicologicamente à tendência de querer prevalecer e progredir física e psicologicamente, a fim de conhecer e conquistar uma nova possibilidade de vida, procedendo taticamente, sem abrir mão do apoio dos adultos; já o segundo caminho leva a adesão efetiva ao meio ambiente família, tendo a segurança de poder contar com aliados poderosos na luta da vida (contar predominantemente com outros).

A criança cumpre, essencialmente, com dois deveres, conforme o autor em voga: dispor dos outros e desenvolver a sua *individualidade* (Leal & Antunes, 2015), mesmo contra os outros, apesar de usá-los pela força das coisas, usando, neste caso, de uma tática instintiva, decisiva para o desenvolvimento do caráter. Lembre-se, a este respeito, dos caprichos e truques das crianças para conseguir o que querem, por exemplo: o medo que têm do escuro e como, através das suas manifestações de medo, forcem os adultos a intervir em sua defesa.

É normal que o *sentimento de inferioridade*, muito acentuado e reforçado por causas pontuais (fraqueza orgânica, doença, miséria, educação errada) provoque danos de duas formas: primeiro porque deprime, segundo porque, quase por equilíbrio, dá uma força eficaz, isto é, mórbida, ao desejo de fazer prevalecer por todos os meios, a própria *persona*.

Toda esta luta entre a *individualidade* em desenvolvimento e o ambiente do qual a criança depende, é visto por Adler como o aspecto do *instinto de conservação*. O adulto deve levar em conta essas fases de desenvolvimento e esforçar-se em compreender e acompanhar, nesse sentido, a experiência psíquica subjetiva da criança, que requer uma atenção específica.

Na teoria de Adler é atribuída pouca importância a fatores antecedentes, como a hereditariedade e muita atenção – praticamente toda - é concentrada nos fatores atuais e individuais do psiquismo em desenvolvimento, justificando a partir disso, o interesse no *sentimento de inferioridade* (VON PERFALL, 1999). Esse sentimento, como já sinalizado, está normalmente presente em cada criança e requer a atenção, a ajuda e o controle dos adultos e educadores, a fim de proporcionar um desenvolvimento psíquico harmonioso, muito importante para a vida escolar, que é o prelúdio para a eficiência completa na vida e assim, evitar a formação de um caráter anormal, ou seja, doenças psíquicas e até mesmo físicas e precaver a diminuição do desempenho social.

Devemos considerar as causas externas que podem levar ao aumento do *sentimento de inferioridade* e especialmente a uma debilidade social: doenças, defeitos dos sentidos e



órgãos, aparência física, desvio da linha normal (magreza, gordura, estatura muito alta ou muito baixa...). Especialmente defeitos externos, por causa das zombarias dos outros, causam desânimo, quase sempre acompanhado de uma ambição latente, mas viva, de superar o próprio defeito. O que dá origem a tentativas tumultuadas e desordenadas, direcionado a isso, sempre acompanhado pelo *sentimento de inferioridade* mais agudo, sentimento de estar infeliz, de não ter sorte, de ser vítima, etc. Um sentimento que leva a graves consequências sociais é o da criança pobre que, na escola muitas vezes, vive na companhia de colegas ricos, com quem se confronta constantemente e sente que nunca será capaz de alcançá-lo. Tal condição não é sentida apenas como um infortúnio, mas pode deixar marcas profundas de inferioridade.

Desse desânimo surgem, imediatamente ou mais tarde, os caminhos fáceis de obter uma superioridade efêmera e/ou uma falsa vantagem: começa com testes de virilidade ou superioridade sobre os pares (tabagismo, álcool, libertinagem) até chegar, em muitos casos, ao crime e à prostituição. Mas para que o desânimo, segundo Adler, leve ao vício ou à doença, são necessários mais fatores, entre os quais estão: as condições especiais do que Adler chama de *constelação familiar* (VON PERFALL, 1999), isto é, o lugar que a criança ocupa na família.

O filho único, que costuma ser muito ajudado, quase sempre não quer ficar sozinho, no primeiro dia de aula sofre uma crise, quando se encontra entre muitos e com os quais ele precisa dividir a ajuda do professor. A primogenitura tem seus perigos, ou seja, muito se pretende do primogênito: deve dar o exemplo aos outros e tem medo de não ter o sucesso esperado. O último filho é quase sempre pessimista, ou melhor, para Adler, a impossibilidade de superar a distância entre os irmãos mais velhos, a consciência de ser o menor e o mais fraco, intimida-o desde o início. Muitas vezes, mais tarde, ele se transforma em um personagem rebelde e ousado, que é derrotado pelo primeiro obstáculo que encontra. Ainda o caçula, quando passa muito tempo longe das outras crianças e convive muito com os adultos, encontra-se em condições semelhantes às do filho único.

De acordo com a psicologia individual de Adler, devemos procurar um equilíbrio e uma compensação entre a tendência de se afirmar pessoalmente e o sentimento social. Evidentemente, é o sentimento social que o educador/o adulto deve reforçar, pois tal sentimento - que será cada vez mais solicitado, já que a vida em sociedade será inevitável - quase não é “sentido” na infância.

Mas, como resulta dos dados da psicologia individual adleriana, toda tendência hostil à sociabilidade é uma manifestação de inferioridade e falta de fé em si mesmo. Na verdade, só quem acredita em si mesmo encontrará a calma e a segurança interior que induzem a pensar não apenas em si mesmo, mas também nos outros. Assim, para aumentar o sentimento social, é preciso antes, aumentar a fé/a estima em si mesmo.



## ROGERS E A PSICOLOGIA HUMANISTA: *AUTORREALIZAÇÃO*

Rogers (1902) também se interessou no estudo da própria pessoa, ou seja, da subjetividade. Para tanto, ele desenvolveu uma teoria da personalidade centrada no “eu”, na qual a pessoa é vista como um ser racional, na busca de um melhor conhecimento possível de si mesmo e de suas reações, propondo também, o autoconhecimento como base da personalidade e que cada pessoa é um ser individual e único. Rogers em sua teoria da personalidade dá uma importância fundamental para dois construtos, que serão a base disso: o *organismo* e o *eu*.

O *organismo* (ROGERS, 1978), seria o centro de qualquer experiência que inclui tudo o que acontece internamente no corpo. Essa totalidade experiencial constitui o campo fenomênico que é o quadro de referência individual, conhecido apenas pela pessoa. Na verdade, a forma como a pessoa se comporta depende do campo fenomênico que ela percebe, ou seja, de uma percepção subjetiva e não das condições estimulantes (realidade externa). Este campo fenomenal seria então, para Rogers, a simbolização de parte das experiências de cada pessoa, ou seja, pessoal/própria de cada um (é possível, no entanto, a experiência não ser representada corretamente). De acordo com a teoria de Rogers, todas as pessoas tendem a confrontar as suas experiências simbólicas com o mundo objetivo, esta verificação da realidade fornece ao sujeito um conhecimento confiável do mundo, permitindo-lhe comportar-se adequadamente na sociedade, porém em algumas ocasiões, essas “verificações” podem estar incorretas e podem levar a pessoa a ter um comportamento carente de realismo.

O *eu* (ROGERS, 1983), por outro lado, seria uma parte do campo fenomênico que aos poucos se vai diferenciando e que em última análise representa o que a pessoa é. Além do “eu mesmo” como tal, existe ainda, para Rogers, um eu ideal que representa o que a pessoa gostaria de ser. Pode-se aferir então, que o eu é constituído por um conjunto mutável de percepções que se referem mais à própria pessoa do que ao mundo externo. Como exemplo desse conjunto de percepções teríamos: características, atributos, capacidades, fraquezas, valores, etc., que o sujeito reconhece como descritivo de sua pessoa e que ele percebe como partes de sua identidade.

O *organismo*, conforme Rogers, possui a tendência inata à atualização, que preside ao exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. Constantemente tende ao desenvolvimento das potencialidades, para garantir a sua conservação e enriquecimento, tendo em conta considerar as possibilidades e limites do ambiente. Portanto, uma vez que o eu ou *self* é parte do organismo, podemos concluir que ele também está sujeito a tendência atualizadora. A tendência para atualizar o eu atua constantemente e tende também, ininterruptamente, à conservação e ao enriquecimento de si mesmo, ou seja, opõe-se a tudo que possa ser um risco/ameaçador. Contudo, o sucesso ou a eficácia desta ação, não depende da situação real ou objetiva, mas, da situação como o sujeito a percebe, e o sujeito percebe a situação, em grande medida, em função da noção que tem de si mesmo. Poderíamos dizer então que, segundo Rogers, o mundo é percebido pelo prisma do eu, ou seja, o que se refere





informações de que o eu é uma instância que emana da percepção e que tem como seu traço essencial estar consciente.

No entanto, a maior ênfase da vida psíquica em Freud é dada ao *inconsciente*, apresentando o eu - que tinha até então como o local da experiência subjetiva - como sendo passivamente afetado por essa "parte escura" do aparato psíquico. Haveria, portanto, dois princípios: a percepção, em estreita relação com o princípio do prazer/realidade, e a pulsão, relacionado a uma satisfação que está além desse modo de operação, não se restringindo a ela.

É em 1914, no *narcisismo*, que Freud (1914/1996) dá uma definição mais explícita para o eu. Diante de sua constituição no ser humano, haveria um momento inicial chamado de "auto-erotismo", marcado pelo surgimento da pulsão de um desvio do instinto. O movimento pulsional, naquela época, ainda seria anárquico, uma vez que não houvesse imagem unificada do corpo em que poderia investir sistematicamente. O eu, na verdade, seria sua constituição intrinsecamente ligada à reversão libidinal dos impulsos que coexistem na fase auto-erótica e que então se unificam. Nesse segundo momento, o que Freud (1914/1996) chama de *narcisismo primário* é realizado, um estado inicial em que a criança investe em si mesma e que prepara o terreno para o *narcisismo secundário*, quando o impulso já está orientado para objetos, mas retorna sucessivamente para si mesmo. Aqui a oposição entre pulsões do eu e objetivos é derrubada, uma vez que os dois passam a ser vistos como da mesma natureza, diferenciados apenas pelo objeto de investimento a cada momento.

Em resposta ao narcisismo infantil, temos a formação do ideal, que estabelece demandas mais intensas para si mesmo, efetuando assim a necessidade de destacar quando se percebe uma diferença entre o ideal e o que o eu oferece. Identificação com a fonte parental, um modelo que o indivíduo tenta conformar, converge com o narcisismo, resultando no que Freud chama de ideal de si mesmo. Portanto, existem duas identificações. O primeiro, o narcisista primário, é pré-edípico, e o outro, um narcisista secundário, já pressupõe a construção de outro.

A construção do *eu*, conclui-se, ocorre gradualmente ligada à consciência e ao inconsciente. Seria a parte do inconsciente que foi modificada pela proximidade e influência do mundo externo, servindo como mediador o que coloca em confronto o princípio do prazer e da realidade. Outro exemplo, por sua vez, seria constituído como uma instância autônoma e agente crítico: o *super eu*, com função de auto-observação, consciência moral e eu ideal (García-Roza, 2001).

O ano de 1920 significa uma transformação de direções na elaboração psicanalítica, a partir do momento em que Freud (1920/1996) postula a existência de algo para além do princípio do prazer e, por extensão, do princípio da realidade - até então, tinha como lógica o funcionamento exclusivo do aparelho psíquico. Se é possível enfatizar os representantes pulsantes que geram o desagrado, não é possível, por outro lado, silenciá-los definitivamente. Compulsão à repetição é o que escapa ao princípio do prazer, buscando a satisfação pulsional



a todo custo, impondo-a como requisito. Seria tarefa do analista superar a resistência e emergir, em intervalos e acima do quadro inercial imposto pelos ideais.

A partir dessa afirmação, podemos começar a inferir que o *inconsciente* pode ser tomado como um dos nomes do sujeito em Freud, aquele que emerge/aflora para a rápida manifestação de uma ideia ou faísca, de forma independente, em um evento pontual.

A concepção dualista de *despojamentos sexuais e auto-dispersão*, suspensa a partir do momento em que o *eu* se torna confrontado como alvo de investidura sexual, é então transferida para a oposição em face da vida e da morte. Pode-se pensar em uma categoria de *pulsão* que tende a repetir, à conservação e a outra que leva à descarga, a produção. Em ambos os casos, o objetivo é a constância, baseada na satisfação completa e intangível, "repetição de uma experiência primária de satisfação" (FREUD, 1920/1996, p.52).

Por trás das resistências, Freud permitiu vislumbrar, naquela época, a noção de *desejo*, um dos pontos cruciais de sua teoria. É pelo confronto entre pulsão e ideal que o desejo traz uma desordem entre o conjunto de representações de si e do mundo e a permeação dessa identidade que a pulsão traz. Mais uma vez, vemos rapidamente, algo do assunto quando falamos sobre a natureza fugaz do desejo, seu aparecimento repentino e sempre passageiro.

Em 1933, na Conferência XXXI, Freud (1933/1996) pronunciou a frase "*wo es war, soll ich werden*), comumente traduzida por "onde o *es* está, o *eu* deve estar". O descentramento do "eu" como fonte de todos os atos humanos permite-nos colocar a questão sobre o sujeito. Para Freud, "sujeito" não é um conceito explicitamente construído, mas algo que emerge nas entrelinhas, apresenta-se como o *nome do desejo*. Parece estranho e alheio ao eu porque é inconsciente, proveniente dos imperativos da pulsão. É o "es" quem insiste, a repetição que se impõe. Portanto, o sujeito não existe por si só, mas surge a partir do *inconsciente*, para Freud.

Pudemos evidenciar melhor, que o psiquismo, assim como a subjetividade, são condições singulares e únicas, ou seja, cada pessoa precisa se estruturar/organizar psiquicamente, como individualização, buscando a congruência interna (e externa), superando progressivamente, o sentimento de inferioridade que nos marca num princípio de vida completamente dependentes de outros, o que por sua vez, interfere e influencia ("cliva") diretamente na estruturação da própria autoestima ao longo da nossa existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Psicologia Humanista, a qual Carl Roger integrou, vimos que o ser humano é movido por uma tendência à auto-realização, ou seja, considera a pessoa como dotada de todas as potencialidades necessárias ao seu pleno desenvolvimento. Neste sentido, ela é revolucionária, pois considera que todos os seres humanos são capazes de mudar e de se



curar, o que, por sua vez, facilita/favorece o processo de recuperação e de investimento nas pessoas.

Vimos que na Psicanálise, o *narcisismo* vai muito além de um processo primário e primitivo do aparelho psíquico, que não é uma doença psíquica e que todos os seres humanos possuem em sua integridade psíquica algum nível de narcisismo. Pois este não é um déficit de funcionamento do “eu”, muito pelo contrário, é um recurso privilegiado que nós humanos temos para lidarmos com as expectativas diárias, as frustrações inevitáveis. Quando bem organizado, o “eu” usa do narcisismo para se defender das tensões externas e internas. A relação entre o narcisismo e o *eu* são essenciais para uma saída saudável do *Complexo de Édipo*, o qual possibilitaria a identificação com o outro primordial, como sendo um *eu ideal*, até ser introjetado pelo *aparelho psíquico* como um *ideal de eu*, que culminaria com a instituição do *supereu*.

Conforme Jung, a pessoa pode projetar uma *personal*/imagem de confiança e equilíbrio que engana a todos e mesmo assim, ainda julgar-se por causa dos seus sentimentos de inadequação social. Ou ainda, pode atender às expectativas dos outros e ainda assim, falhar na própria vida; ganhar todas as honras e títulos, porém, seguir sentindo que precisa de mais; ter milhões de seguidores nas mídias virtuais (que não são sociais) e ainda assim, acordar todas as manhãs com uma dolorosa sensação de desamparo e um vazio interno. Consideremos um astro do rock, mundialmente aclamado, mas que não consegue passar um dia sem fugir para as drogas. Ou um milionário poderoso, nunca contente e satisfeito com o que já tem, confundindo segurança material com segurança emocional.

Então, a subjetividade é uma estruturação/organização singular, mesmo que construída intersubjetivamente. É o que pensamos e o que sentimos sobre nós mesmos, não o que alguém pensa ou sente sobre mim, como: minha família, meu cônjuge, filhos e/ou meus amigos podem me amar, mas, eu não me amar; meus colegas de trabalho podem me admirar e ainda assim, eu me vejo como alguém insignificante e sem valor, etc.

Então, uma estruturação psíquica/subjetiva - ou uma personalização integrada, humanista conforme Winnicott, ou de individuação, do sujeito do inconsciente, do self, com autoestima... - requer muito investimento pessoal, pois permite “ser”, desenvolver-se mais e melhor, viver a e na realidade, dar direção e vazão ao que pensamos e sentimos, o que se quer, enfrentar as dificuldades hodiernas, não ser demasiadamente influenciado pelo olhar dos outros. Saber que é possível sobreviver a fracassos e decepções, ter coragem de recusar abusos, de expressar dúvidas, de tolerar a solidão e o desamparo, sentir-se digno de ser amado mas também, suportar não ser amado/desejado, ou até mesmo, ser odiado e rotulado de egoísta/individualista... mas isso requer busca pessoal, empenho e ajuda, pois é um processo complexo e que dura uma vida inteira.



